UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

THABATA ALVES LUIZ

MULHER TRANS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICO-SOCIAL-POLÍTICA: MEMÓRIAS, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS

RECIFE, 2023

THABATA ALVES LUIZ

MULHER TRANS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICO-SOCIAL-POLÍTICA: MEMÓRIAS, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS

Projeto apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II no Curso de Licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Graduada em Educação Física.

Orientadora: Profª. Dra. Tereza Luiza de Franca - NIEL-CCS-DEF-UFPE
Coorientadora: Profª Mestra Sandra Cristhianne de França

RECIFE, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através
do programa de geração automática do SIB/UFPE

Alves Luiz, Thabata .
MULHER TRANS NOPROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICO-SOCIAL-POLÍTICA: MEMÓRIAS, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS /
Thabata Alves Luiz. - Recife, 2023.
43

Orientador(a): Tereza Luiza França
Cooorientador(a): Sandra Cristhianne França Correia
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,2023.
9.
Inclui referências, anexos.

1. Mulher Trans . 2. Educação . 3. Formação Acadêmica . 4. Narratvas . 5. Polícicas. I. França, Tereza Luiza. (Orientação). II. Correia, Sandra CristhianneFrança. (Coorientação). IV. Título.

370 CDD (22.ed.)

THABATA ALVES LUIZ

MULHER TRANS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICO-SOCIAL-POLÍTICA: MEMÓRIAS, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS

Aprovada em: 23/ 09/2023.

Profa. Dra. Tereza Luiza de França - Orientadora
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Ms. Sandra Cristhianne de França -
Coorientadora UniNASSAU

Profa. Ms. Giovana Meinberg Garcia
1 ª Examinadora
Universidade Federal de Pernambuco UFPE

Profa. Ájò Nasidí

2ª Examinadora
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

DEDICATÓRIA

Dedico todo esse estudo biográfico primeiramente a Deus, aos meus encantados e às mulheres guerreiras, que foram grandes alicerces em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica. Inspirando e fortalecendo meus objetivos e acalentando minhas lágrimas quando por muitas vezes o desespero e os momentos de ansiedade batiam à porta.

Às minhas avós, Alzira Fonseca “Vovó Preta” e Anunciação “Vovó Assunção” (em memória), que toda criação e ensinamentos possam ser meus pilares sempre, com toda sabedoria e amor ecoaram as mais belas canções que embalaram o baile da minha vida. Quanta saudade de ser criança e ouvir vocês ensinarem tudo aquilo que aprenderam na árdua vida do campo, do cuidar da casa e toda uma família, das mãos calejadas e suor no rosto, sem saber, preparam outrora o grande caminho até a chegada da minha geração. Toda minha gratidão!

À Rainha da minha vida, minha mãe, Maria Neide. Que com toda essa garra de mulher nordestina, vinda do interior se tornou professora e pedagoga (pós graduada), trilhou todo um caminho para a chegada ao meu sucesso profissional. Que diante de tanta adversidade, nos tornamos melhores amigas e diante de tudo, estamos na guerra sempre, pelo amor, união, valorização e felicidade. Foste e sempre será meu exemplo de mãe e mulher, a grande força propulsora que fez todas as minhas conquistas serem efetivas, que sua coragem e resiliência sejam meus combustíveis vitais. Eu te amo!

A cada pessoa que passou de alguma forma na minha vida, quero agradecer de forma única, sintam-se abraçados, obrigada pela força.

Por fim a todas as mulheres trans que lutam todos os dias pelos seus direitos na sociedade. Este trabalho é uma homenagem a todos (as) que representam a fatia da representatividade e luta incessante pelo espaço e inclusão. É um grito de liberdade!

Minha gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos e companheiros nessa jornada árdua, decisiva e repleta de desafios na minha vida. Marcada por momentos de crescimento pessoal, social e profissional, alcançando méritos e percorrendo caminhos com apoio, motivação e companheirismo. Leonardo Soares, Ana Paula Bueno, Samantha Cabral, Geovana Borges e Diego Alves, meus sinceros agradecimentos e apoio emocional e psicológico.

À minha ilustre orientadora, Tereza Luiza de França, que com esse jeito forte e guerreiro guiou-me nesse processo de fidelização da temática e a pertinência em querer orientar um trabalho tão delicado. Sua dedicação e compromisso co m o conhecimento, com a igualdade e valorização da pessoa em sua totalidade, fez abrir portas para um caminho sem sombras e inclusivo. Minha benção, axé!

Obrigada, Axé!

“[...] Às vezes a felicidade demora a chegar
Aí é que a gente não pode deixar de sonhar
Guerreiro não foge da luta e não pode correr
Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer.”

Grupo
Revelação

RESUMO

Estudar a mulher trans tomando como base de análises críticas e humanizadoras, significa compreender essa pessoa no contexto social como objeto de estudo de relevância científica em que a universidade é o universo de produção e acesso à saberes e conhecimentos universais. O anseio pela temática nasceu a partir dos diversos enfrentamentos na vida e toda trajetória de vida de um corpo trans em seu percurso acadêmico. A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa (BORN, 2001 p. 243), trazendo nesse contexto o objeto de pesquisa deste estudo entrelaçando as memórias vividas. O presente trabalho de curso tem como enfoque principal analisar o processo o processo acadêmico atrelado as narrativas que permeiam os aspectos políticos e sociais de uma mulher trans na transformação de sua vida a partir das memórias entrelaçadas de experiências no período de 2014 a 2022. Nesta análise, as categorias centrais foram: enfrentamento, formação e conquista. O caminho metodológico se constituiu a partir da historicidade da presente autora. Para isso se fez necessário a construção de uma pesquisa de cunho qualitativa, com buscas por referências históricas e bibliográficas, bem como depoimentos de pessoas que acompanharam o processo desde a transição até a formação profissional. O trabalho aqui apresentado desvela um posicionamento geral e analítico diante do incentivo pelo objeto de estudo deste título, tomando assim três caminhos: “TRANS” enquanto corpo, o processo de transição e ocupante de um lugar na escola, na universidade e na sociedade; “FORMA” o período resiliente de tomada de decisões diante de um percurso acadêmico de conflitos e o processo de formação e escolarização e a “AÇÃO” de uma mulher trans resiliente e licenciada em Educação Física que a partir de suas conquistas acadêmicas pode assumir seu lugar na sociedade.

Palavras Chaves: mulher trans; formação acadêmica; narrativas; política

ABSTRACT

Studying trans women based on critical and humanizing analysis means understanding this person in the social context as an object of study of scientific relevance in which the university is the universe of production and access to universal knowledge. The desire for the theme was born from the various confrontations in life and the stigmas generated about a trans body on the path towards professional achievement. And the entire life trajectory of a trans body in its academic journey. The life trajectory can be described as a set of events that underlie a person's life (BORN, 2001 p. 243), bringing in this context the research object of this study, intertwining the memories lived The main focus of this course work is to analyze the process, the academic process linked to the narratives that permeate the political and social aspects of a trans woman in the transformation of her life based on the intertwined memories of experiences in the period from 2014 to 2022. In this analysis, the central categories were: coping, training and achievement. The methodological path was established based on the historicity of the present author. To achieve this, it was necessary to construct a qualitative research, with searches for historical and bibliographical references, as well as testimonies from people who followed the process from the transition to professional qualification. The work presented here reveals a general and analytical positioning in the face of the incentive for the object of study of this title, thus taking three paths: “TRANS” as a body, the process of transition and occupant of a place in school, university and society; “FORM” the resilient period of decision-making in the face of an academic journey of conflicts and the process of training and schooling and the “ACTION” of a resilient trans woman with a degree in Physical Education who, based on her academic achievements, can take her place in society.

Keywords: trans woman; academic education; narrative; politics

SUMÁRIO

1. DESAFIOS NO PRODUZIR CONHECIMENTO: A INTRODUÇÃO 10
2. OBJETIVOS 14
2.1 GERAL 14
2.2 ESPECÍFICOS 14
3. DIÁLOGOS TEÓRICOS DE ARGUMENTO DE PESQUISA 15
3.1 “DEIXA EU ME APRESENTAR QUE EU ACABEI DE CHEGAR 15
3.2 “EU PREFIRO SER ESSA METAMORFOSE AMBULANTE… 17
3.3 “NUMA FOLHA QUALQUER EU DESENHO UM SOL AMARELO 19
4. TRILHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO DE ESTUDO 21
5. ACHADOS E CONCLUSÕES 23
5.1 NARRATIVA BIBLIOGRÁFICA 24
5.1.1 A boca esbraveja aquilo que dentro do coração está cheio: um recorte narrativo, dos saberes que consolidam a vivência de um corpo trans escolarizado, resistente e resiliente 24
5.1.2 Memórias, enfrentamentos e conflitos: Etapas de uma mulher trans e seu percurso no campo acadêmico e profissional 29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
REFERÊNCIAS
ANEXOS

1 DESAFIOS NO PRODUZIR CONHECIMENTO: A INTRODUÇÃO

Produzir conhecimentos acadêmicos com olhar e escuta para a vida de uma mulher trans, como pessoa histórico-social significa (des)velar seus enfrentamentos, sua formação e suas conquistas. Significa assumir uma reparação histórica e reconhecer essa mulher trans como objeto de estudo e a universidade como chão da pesquisa, numa unidade teoria-prática, expressa com reflexão-ação, humanizada, crítica e transformadora. Em suas constatações Peres (2009), relata sobre a posição de profissionais travestis e transexuais no universo escolar, alicerçado no tocante a um grupo minoritário e também a resistência por parte da Educação Básica e também nas Universidades: “Quando da expressão da homossexualidade, e mais especificamente da travestilidade e da transexualidade, ainda na infância e depois na adolescência, o que temos percebido nos relatos ouvidos e nas observações etnográficas realizadas são histórias de discriminação, violência e exclusão, muitas vezes seguidas de morte e que tem início dentro da própria família. Começa aí o processo de estigmatização que se desenvolverá como ondas, propagando-se da família para a comunidade, da comunidade para a escola, para os serviços de saúde e os demais espaços de contextos de relações com que essas pessoas venham a interagir. (Peres, 2009, p. 238).

O processo de transformação na vida acadêmico-social-política de uma pessoa transgênero pode ser definido a partir da busca pelo espaço e sobretudo gerar um diálogo pertinente à temática, enfatizando vivências e fatos que contribuíram para o processo de escolarização e empoderamento de um corpo trans licenciado em Educação Física. Segundo Goellner (2003), o corpo não é apenas um corpo, mas sim tudo o que nele interfere. Sendo seus costumes, jeitos, anatomia e também é definido pelos fatores socioculturais ao qual o corpo está inserido. França (2003, p. 17), em a tese de doutorado descreve que nas últimas décadas a concepção de corpo se fortalece:

> [...] a partir de estudos, pesquisas e intervenções que situam e incorporam os saberes da experiência cultural ao processo de formação e intervenção de profissionais nesse domínio e nesse campo, tendo como eixo teórico à produção crítico-sensível da educação. Entendendo-a como um canal possível mais não o único de compromissos e ações, para apontar possibilidades nesse campo investigativo, buscamos também, estabelecer diálogos com as demais áreas do conhecimento, como também princípios

> pressupostos e diretrizes para habilitar formas de viver nesse mundo, encarnando os riscos de uma práxis revolucionária, levando-nos cada vez mais a apreciarmos as alegrias do conhecer e do (re)conhecer o prazer em descobrir saberes. Essa postura teórica, de cadência frenética com luzes e cores, abre espaço à produção de novas práticas socioculturais desafiantes. (França, 2003, p. 17),

Guaraci Louro (1997, apud Franco, 2015, p. 326), expressa sobre identidade sexual:

> O conceito de identidade sexual do qual nos apropriamos refere-se à forma que a pessoa manifesta seu desejo afetivo e sexual podendo dar-se por pessoas do mesmo gênero, do gênero oposto, ou pelos dois gêneros; respectivamente, ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Por outro viés, mas não deslocado da identidade sexual, a identidade de gênero se define como a forma em que a pessoa se localiza e se identifica como homem, mulher; implicando aqui, outras possibilidades além desse binarismo, quais sejam, ser uma mulher travesti, mulher ou homem transexual, mulher ou homem intersexual. (Louro, 1997, apud Franco, 2015, p. 326)

Reflexões, inquietações e questionamentos acerca deste objeto permitiram que fossem construídas as seguintes questões: Por que tanta aversão a um ser trans em seu processo de escolarização? Que fatores determinam a exclusão dessa classe no processo acadêmico? Como será receber estudantes trans na sala de aula? Quais enfrentamentos marcantes ao longo do processo de transformação na vida acadêmico-social-política? Quais ensinamentos trouxeram? O que implicou para a tomada de decisão frente às violações recebidas? Quais vivências, conquistas e aprendizados contribuíram para um resiliente estudo acadêmico? Destas questões, foi estabelecido a seguinte problemática de pesquisa: “como se constitui o processo histórico de transformação na vida acadêmico-social-política com base nas memórias entrelaçadas de experiências vividas?”

Ao mergulhar nesta problemática delimitamos como objetivo geral: analisar o processo histórico de transformação na vida acadêmico-social-política com base nas memórias entrelaçadas de experiências vividas no período de 2014 a 2022. Destaca-se como relevância desse estudo o entendimento de que o corpo trans quando ressignificado, reconstruído e escolarizado com vivências e/ou experiências emaranhadas no processo acadêmico e, também, nas relações dialógicas e/ou sociais de inclusão do corpo trans como temática transversal abordada nas definições dos conteúdos específicos das áreas de conhecimento na formação acadêmica assegura-se a diversidade que o corpo expressa na sociedade.

Relações dialógicas sociais que, segundo o legado freiriano, assegura articulação e unidade ensinar-aprender em que o pensar docente não desconsidera o ser discente em sua unidade na multiplicidade do ser. No entanto, nessas experiências de relações no seio da universidade, nos deparamos com concretas barreiras expressas por insultos e assédios morais e psicológicos de docentes com evidentes preconceitos que enfatizavam em suas atitudes e palavras, “diferenças” inexistentes.

Neste cenário, ressalta-se a busca pelo espaço e ressignificação numa luta constante para “titularizar” o nome social como o legítimo direito de acesso nos ambientes de acordo com gênero. Foram os embates diários com correlação forças desiguais e sem legalidade e/ou legitimidade, porém desbravadores pela busca incessante para consolidar o processo de formação. Sanches e Teodoro (2006), reverenciam inclusão como igualdade de direitos e democracia entre as classes e gêneros numa constante integração que representa procedimentos refletidos entre os atores de uma dada realidade. Freire (1983, p. 51) vai nos dizer que “... a realidade universitária a partir das relações humanas com e nesta realidade “resultante de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, que vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que o ser humano é o fazedor” (Freire, 1983, p. 51).

Porém, as experiências vividas em relação ao corpo trans e/ou tomando por base a literatura crítica adotada nesta pesquisa constatamos que a inclusão não é prioridade, ou sequer considerada em espaços acadêmicos, sociais, políticos e educacionais. Quando fazemos referência a corpo “... numa expressão dialética, lúdica, prazerosa, partilhando caminhos para construir novo sabor de conviver a vida” (França, 2003, p. 21).

Com reflexões neste cenário, este estudo toma três princípios: **“TRANS”** expressa o corpo em processo de transição, uma transcendência consciente do ser humano em reconhecer vários níveis existenciais. “Não é o resultado exclusivo de sua transitividade de sua consciência, que o permite auto objetivar-se e, a partir daí, reconhecer órbitas existenciais diferentes, distinguir um “eu” de um “não eu”. (FREIRE, 1983, p. 48). Seu lugar na escola, na universidade e na sociedade; **“FORMA”** o estar imerso no mundo resiliente na tomada de decisões de forma ativa, crítica, consciente de seu papel no percurso acadêmico constituído pelo

processo de formação, escolarização e sendo [...]capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada" (FREIRE, 2007, p. 16); **"AÇÃO"** atitudes de uma mulher trans resiliente em seu processo de Licenciatura em Educação Física, de atitude que consistem numa utopia com a liberdade para dizer "não" ao opressor numa ação libertadora de conquistas acadêmicas através da ação-reflexão nova ação assegurar seu lugar na sociedade.

França (2003): A literatura também pontua a necessidade de aperfeiçoarmos canais de interação entre tais caminhos, revendo os vínculos, nexos e conexões entre o fazer e o saber ou vice-versa. Ao levar em conta este princípio, torna-se necessário ainda conceber os elementos contraditórios e não antagônicos da sua evolução, de geração a geração, atravessando os compassos do tempo e do espaço de produção desse saber, tornando-o presente frente às atuais possibilidades de viver o nosso cotidiano.

2 OBJETIVO

2.1 GERAL

Analisar o processo histórico de transformação na vida acadêmico, social e política com base nas memórias entrelaçadas de experiências vividas no período de 2014 a 2022.

2.2 ESPECÍFICOS

1. Identificar, nas trilhas e partilhas da vida acadêmico, social e política, os desafios de um corpo **“Trans”** numa sociedade alicerçada pelo ditamos do racismo estrutural;

2. Conhecer as experiências vividas no período de 2014 a 2022, que determinaram a **Forma** da vida trans ao longo da escolarização básica ao ensino superior;

3. Compreender na ação reflexiva a **Ação** e os enfrentamentos de um corpo trans apontando as superações possíveis.

3 DIÁLOGOS TEÓRICOS DE ARGUMENTO DE PESQUISA

3.1 “DEIXA EU ME APRESENTAR QUE EU ACABEI DE CHEGAR…'[1]

Em meados de 2014 com o ingresso no curso superior de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco, no êxtase da transição de gênero, uma mulher trans com expectativas e metas para formação busca universalizar e compreender o espaço e a valorização do seu potencial acadêmico.

Neste contexto, a problemática do ser trans e não ter seu espaço respeitado, ocasionou em situações inquietantes e desconfortáveis, vindas a partir de sua identidade de gênero.

> A identidade de gênero da pessoa travesti é temática, pois mesmo dentro do próprio movimento LGBTQIAPN+ é invisibilizada. Raros são os que distinguem o conceito de travesti de transexual ou transgênero, englobando-os todos em uma só letra “T” – pessoas que não se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram. (Lelis et.al. 2019, p. 583)

A sigla LGBTQUIAPN+ abarca pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias. Com aprovação numa universidade federal materializam-se possibilidades de esbravejar a real presença de um corpo trans no chão acadêmico, para assumir espaços e fomentar reflexões, estudos, debates e realização profissional na área. Em processo transicional e com muitos problemas familiares por conta da orientação sexual, sofri com estigmas, mas nunca desamparada.

Com a criação da Diretoria LGBTQIAPN+ em 2016, o processo de inclusão do nome social foi deferido e assim dando um maior respaldo sobre as questões de gênero enfrentadas.

De acordo com a Portaria Normativa n°2 da (UFPE, 2016):

> Art. 1º Fica determinada a inclusão do nome social das pessoas que se autodenominam travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais nos registros acadêmicos da graduação, pós-graduação e extensão na UFPE. Parágrafo Único. Por nome social entende-se aquele pelo qual as pessoas travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais se autodenominam e escolhem ser reconhecidas, identificadas e denominadas no seu meio social. Art. 2º O nome social será o único exibido em todos os documentos de uso interno da UFPE, respeitando a privacidade e a autodenominação

1 Trecho da música Amarelo, Azul e Branco de Anavitória com a participação de Rita Lee (2020)

> das pessoas travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais. Parágrafo Único. O nome social deverá constar nos seguintes documentos emitidos pelo sistema oficial de registro e controle acadêmico: I - Cadastro de dados e informações de uso social; II - Comunicações internas de uso social; III - Endereço de correio eletrônico e nome de usuário em sistemas de informática (SIG@); IV - Diretório de ramais; V - Diários de classe, fichas, cadastros, formulários, listas de presença e divulgação de notas; e, VI - Resultados de editais. Portaria normativa n°2 (UFPE, 2016).

Maria Eulina Carvalho, escreve:

> A heteronormatividade consiste no processo de efetivação e naturalização da heterossexualidade como a única forma possível e legítima de manifestação identitária e sexual. Com isso, um conjunto de dispositivos que se vinculam diretamente à produção de corpos, sujeitos e identidades definidos e coerentes com a sequência corpo/gênero/sexualidade. Nesse processo, a crença na natureza de divisão binária entre os corpos, macho/fêmea, e, consequentemente, gêneros distintos, homem/mulher, bem como a atração afetivo-sexual entre sexos opostos, masculino/feminino. (Carvalho, 2009 apud. Franco, 2015 p. 326)

A autora Kamyla Machado, fala:

> Considero que um dos desafios, talvez o principal, que dificulta a conquista de direitos, é o preconceito, fato que percebi durante as ações que envolveram a elaboração dessa pesquisa. É possível afirmar que todas as pessoas transgênero vivenciaram, vivenciam e vivenciarão situações de preconceito, nos mais variados ambientes. (Machado, 2021, p. 20).

A autora trans Maria Clara Passos (2022), formada em uma universidade pública federal relata em seu livro em tom de manifesto:

> Assim, sedimentando a posição que a sociedade me atribuiu de sub-humana. E quando falo isso, meus queridos, estou sendo o mais honesta que posso. Olhe ao seu redor! Quantas travestis e mulheres trans você se depara no seu dia a dia? Quantas delas estão na sua sala de aula? Quantas te atendem no supermercado? Quantas são suas médicas? Espere até as
> 23 horas. Procure a avenida mais próxima. As encontrará. Porque lá, embaixo do poste clareando a rua escura, é onde nós fomos condicionadas a estar por uma sociedade internalizada transfóbica. (Passos, 2022, p. 23)

CAMILLOTO (2019) apud. MOIRA et. al, 2017, afirma:

> Não é fácil traçar limites rígidos que separem essas várias identidades, pois isso pode acabar estabelecendo novas normas de como a pessoa deveria ser, o que volta a segregar quem não se encaixa, quem não quer se encaixar. A luta é para que cada pessoa tenha o direito de experimentar, de ir atrás de descobrir quem é, e que possa viver da forma como se entende, como melhor se sente, sem ser discriminada por isso, segregada, vendo seu direito à vida, à família, ao estudo e ao trabalho postos em risco. Afinal,

> nada mais libertador do que poder se olhar no espelho e amar o que se vê. (Moira et. al., 2017 s.p. apud Camilloto, 2019, p. 31)

Outro ponto muito importante para esse título, argumentado por diversos títulos é sobre a não conclusão da educação básica, boa parte da população trans não concluiu sequer o ensino médio. Samantha Cabral, mulher trans e cientista social pela UFPE relata que:

> Escolaridade é um dos critérios gerais de contratação e de acesso a esferas superiores de qualificação e formação, a exemplo de cursos profissionalizantes, técnicos, graduações etc. [...] os processos de violências constantes nos âmbitos de ensino excluem essas pessoas desse espaço tão importante para atingirem o mercado de trabalho formal. (Souza, 2023, p.8)

Novos ares se expandiram e um novo encontro com a academia estava se fazendo resiliente, o enfrentamento de novos muros e obstáculos, com a meta na formação. Aglutinou-se esforços para prosseguir na luta incessante de um ser escolarizado e construção para o mercado de trabalho. Essa pesquisa está fundamentada na base da minha vida enquanto mulher, trans, pobre, periférica e que em vários momentos passou e passa por situações incômodas e impróprias. Essa exclusão e vulnerabilidade se fundamenta nos critérios sociais estabelecidos pelo racismo estrutural e sobretudo pela falta de respeito e conhecimento sobre a transexualidade.

Carvalho; Cézar; Junqueira; (2009) refletem sobre a vulnerabilidade e o enfrentamento de estigmas, preconceitos e sobre as políticas públicas voltadas para o público trans, dissertam que essas políticas acabam por confirmar uma posição de rejeição social, principalmente no contexto escolar.

Delineando metas e desfazendo do lado opressor, podendo ressignificar e esclarecer novas perspectivas para o aprendizado e conhecimento. Dando iniciação e capacitação aos projetos ofertados pelo processo acadêmico.

3.2 “EU PREFIRO SER ESSA METAMORFOSE AMBULANTE…”[2]

Na liberdade expressa do “ser fazedor”, um corpo trans busca sua ressignificação e empoderamento. Traçando novos roteiros e formalizando seus

2 Trecho da música Metamorfose Ambulante, composição de Raul Seixas, lançada em 1988.

princípios, relacionados ao processo de aprendizado acadêmico e revelação do seu “eu profissional".

> Nas últimas décadas, tem ocorrido no Brasil uma ampliação da educação básica ancorada no princípio da inclusão social, fazendo emergir temáticas específicas sobre a exclusão de pessoas transexuais, travestis e transgêneros nas escolas brasileiras (CÉSAR, 2009 apud. FRANCO, 2015, p. 326).

Franco (2015) destaca sobre visibilidade e relevância para o profissional trans:

> O processo de visibilidade pelo qual essas docentes têm lutado ressalta a relevância de investigar quais os caminhos percorridos e os obstáculos enfrentados por professoras travestis, transexuais e transgêneros brasileiras durante seu processo de escolarização e inserção na carreira docente. Esse é o foco deste trabalho, que compõe as problematizações de uma tese de doutorado em Educação, cujo objetivo é identificar e problematizar os indícios de desestabilização que a presença de professoras trans provocaria nas escolas em que atuam. (FRANCO, 2015, p. 326).

Tomando como base o ser trans e sua identificação, baseada na teoria Queer a partir de Gamsom (2007) para falar sobre os problemas no campo de identidade e ainda norteia seu ponto de vista com teorias baseadas em Foucault, Derrida e Lacan. Possibilitando, assim, uma análise e contextualização nas mais diferentes formas sexuais, gênero, classes e raças, percebendo-as como necessários e interconectados, criativos. Uma realidade intrincada e em constante movimento nas mais variadas dimensões: histórica, social, política e educacional.

Segundo Gamsom (2007) sobre teoria Queer:

> Queer marca uma identidade que, definida como tal por um desvio das normas relativas ao sexo e ao gênero pelo eu interior ou por comportamentos específicos, está sempre mudando; a teoria queer e os estudos queer propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução. Ou seja, cada termo acompanha seu próprio tipo de políticas. (GAMSOM, 2007, p.347)

Claro que é imprescindível que um corpo trans possa ter sua forma e respaldo, é necessário novas dinâmicas e instruções. Diante de uma sociedade alicerçada no preconceito e discriminação. A resiliência de um corpo trans em sua formação, conhecimento e aprendizado é um ensejo para que seja efetivado e posto em prática (ação). Desenvolvendo meios e práticas de grande relevância e

características pedagógicas inovadoras e metodológicas.

Quando contextualizamos as posições disciplinares que as professoras trans ocupam nas escolas, se torna importante fazer o levantamento de como se estruturam e após fazer esperar por resultados de processos permanentes de resistência e enfrentamento no ensino fundamental e superior. Samantha Cabral, ressalta:

> Na academia não é diferente, como a maioria dessa população não consegue acessar esse espaço devido a diversas transfobias estruturais, nossas vivências e saberes tornaram-se alheios, capturados por pessoas acadêmicas cis, como dizem no popular, viramos animais de laboratórios. Sem direito, na maioria esmagadora dos casos, de ter acesso ou retorno a aquilo que foi produzido, e por muitas vezes, quando há um retorno, tudo que disseram já está estampado em jornais e revistas ou nos acervos acadêmicos de forma distorcida, a partir da ótica de quem escreveu tal documento (SOUZA, 2023, p. 9).

Esses professores representam um pequeno grupo de pessoas transgênero que podem suportar a imposição da cisgeneridade, devido à sua exposição à vulnerabilidade social nas fases iniciais da educação básica, relacionada a processos anteriores de exclusão. César (2009) afirma que mesmo com a luta e apoio do governo na criação de medidas que valorizem e contribuam com os direitos humanos das pessoas trans, no contexto escolar, é importante ter a ciência de que as escolas ainda possuem aversão e preconceito. Mesmo que mascarados, esses princípios de exclusão acabam refletindo na evasão do público trans das universidades:

> [...] se a escola é o lugar por excelências das formas de normalização dos corpos, os corpos de transexuais e travestis representam o outro da norma, aquele/a que sempre escapará das teias disciplinares e biopolíticas do governamento escolar. Ou ainda: por que estes corpos não normativos colocam em cheque [sic] as certezas estabelecidas pelo sistema sexo-corpo-gênero, que a escola, mesmo diante de programas de educação sexual, diversidade sexual e combate ao preconceito, ainda insiste em preservar. (César, 2009. p. 3 - 4).

Viviane Vergueiro em sua dissertação de mestrado trata o conceito de cisgeneridade:

> [...] reflexões sobre um conceito central para a proposição teórica e política por descolonizações de corpos e gêneros inconformes: a cisgeneridade. A partir deste conceito, utilizado fundamentalmente para se pensarem formações corporais e identidades de gênero naturalizadas e idealizadas, é que se pretende caracterizar uma normatividade de gênero – a cisnormatividade, ou normatividade cisgênera – que exerce, através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e

> identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos. (Vergueiro, 2016, p. 43)

Vergueiro, (2016 p. 44 apud. Jesus, 2012), continua:

> [...] a cisgeneridade pode ser resumida como sendo a identidade de gênero daquelas pessoas cuja "experiência interna e individual do gênero" corresponda ao "sexo atribuído no nascimento" a elas. Em outras palavras, "o termo "cisgênero" é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero (JESUS, 2012).

3.3 "NUMA FOLHA QUALQUER EU DESENHO UM SOL AMARELO…"[3]

Diante de tudo o que será levantado como arcabouço histórico e sobretudo a vida acadêmica de uma mulher trans, é importante refletir o quanto os movimentos sociais também estimulam na mudança e na busca de novas conquistas de espaços. Claro, que essa produção biográfica e teórica atenta para a valorização da profissional trans como ser fazedor de conhecimento, de profissionalismo e de pedagogias absorvidas que ao mesmo tempo é imprescindível reconhecer conquistas e permitir compreender que os direitos concebidos não são de acesso a todos.

Essas intervenções e atividades em busca dessa acessibilidade à educação, se promulga na Constituição brasileira de 1988 e a posteriori a aprovação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394) no ano de 1996. Esses movimentos sociais se respaldam na dignidade humana, consolidando o ser capaz de interferir em sua realidade e vivência. (PASSOS, 2022)

Gohn (2011), fala em seu livro "Movimentos sociais na contemporaneidade" que se observa o quanto os movimentos sociais contribuem para reorganizar e conscientizar a sociedade sob a demanda de práticas sociais e mobilizações. Dando uma nova definição ao contexto social, com inovações e parcerias. A autora continua em sua obra "Paulo Freire e a formação de sujeitos sociopolíticos":

---

3 Trecho da música Aquarela, composição de Vinícius de Moraes / Toquinho / Guido Morra

Maurizio Fabrizio, cantada por Toquinho, em 1983.

> A categoria sujeito confere protagonismo e ativismo dos indivíduos e grupos sociais, transformando-os de atores sociais, políticos e culturais, em agentes conscientes de seu tempo, de sua história, de sua identidade, de seu papel como ser humano, político, social: o sujeito é reconhecido - objetivamente, e reconhece-se subjetivamente - como membro de uma classe, de uma etnia, parte de um gênero, uma nacionalidade, e muitas vezes de uma religião, culto ou crença. Os sujeitos se constituem no processo de interação com outros sujeitos, em instituições, privadas e públicas, estatais ou não. (GOHN, 2004, p. 18*)*

Compreender que aqui é uma narrativa biográfica do processo pelo qual se deu a formação acadêmico-social-política de uma professora trans e todo o percurso traçado, respaldada e independente de lidar com eventos extraordinários na minha vida transgênero. E da mesma forma a partir da experiência e de estratégias de sobrevivência que criam máximas poderosas na prática da vida cotidiana. Isso contribui para a estrutura acadêmica e arruína o sistema que estabelece o padrão para a organização limitada, que por consequência de atos, desencorajem, perseguiam e matem a comunidade LGBTQIAPN+.

É diante desse processo de autoconhecimento que se esperam resultados, novos rumos, metodologias organizadas, novas ações coletivas e pedagogias criadas. Promovendo o encorajamento e caminhos abertos para o público trans no campo acadêmico.

Essa representatividade trans consolida-se em novas possibilidades político-pedagógicas e a quebra de fronteiras no que compreende uma mulher trans e seu processo de escolarização, enfrentamentos e conquistas. Mas, também sobre seu processo de resistência e ressignificação até a sua formação

4. TRILHANDO O PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

O estudo trata-se de uma história/oral biográfica, de cunho qualitativo, cujo objetivo principal foi conhecer a vivência de uma acadêmica transgênero em seu processo de formação em licenciatura na UFPE entre os anos de 2014 e 2022, seus enfrentamentos e conquistas dentro dos espaços acadêmicos e quais as dificuldades que este grupo enfrenta no ensino superior. Trazendo consigo consistência a partir de estudos dirigidos, buscas por referenciais que tratam e circundam a temática, depoimentos, características e apontamentos a partir do tema levantado pela autora. O fato é que demarcar esse assunto é fazer valorizar e estimular novas literaturas serem criadas e agregadas ao conceito do ser

transgênero e seu posicionamento na sociedade e no âmbito acadêmico, reverberando nas perguntas que questionam a própria autora.

A história oral e biográfica é uma abordagem de pesquisa que se destaca por sua capacidade de capturar e preservar narrativas pessoais, experiências de vida e histórias individuais. Essa metodologia, inserida no contexto trans, oferece uma janela única para o entendimento de eventos históricos, sociais e culturais a partir de perspectivas pessoais, agregando um componente humano à investigação acadêmica. A pesquisa em história oral biográfica concentra-se na coleta, análise e interpretação das histórias de vida de indivíduos, com ênfase em suas experiências, memórias, valores e significados pessoais. Essa abordagem reconhece que cada pessoa é uma testemunha única da história e busca valorizar e preservar essas vozes individuais em um contexto mais amplo.

Ao definir a temática, solucionar estigmas encontrados e passar por processo de resistência do próprio colegiado docente. O trabalho tomou corpo e conteúdo a partir de pesquisas em periódicos e busca em plataformas digitais (scielo, google acadêmico), livros, encartes, revistas. Buscas por literaturas que ajudaram a discernir no pressuposto tomado e sobretudo, na realidade histórica da autora.

A partir de memórias afetivas e abusivas, a princípio este título tende a relacionar o corpo trans e, seu modo e corporeidade, mas sobretudo relatar sobre o processo de formação e execução de todo o conhecimento concebido, outrora ameaçado.

A concepção e idealização deste estudo foi a partir de tantas intercorrências e situações transfóbicas acontecidas durante o percurso de formação acadêmica, entretanto busca universalizar e recriar o ato de transformar, ressignificar e gerar inquietações sobre a temática e execução da pesquisa.

Esse processo se deu em meados do ano de 2021, quando a partir de um mapa mental da trajetória acadêmica da autora entre os anos de 2014 e 2022. Reviver lembranças violentas e conflituosas foram, porém, o ato de querer autobiografar e relatar sobre o poder de resiliência e resistência dentro de um curso, machista, preconceituoso, arcaico e totalmente despreocupado com o futuro e as ocasiões que a vida profissional pode impor. É nessa perspectiva que as possibilidades e comportamentos em relação ao tema “trans” ainda pouco estudado toma maior proporção e atenção.

Contudo, para esse estudo biográfico se tornou imprescindível, a fala e o arcabouço histórico do período de ingresso na universidade, o caminho acadêmico trilhado, até a preparação para o mercado de trabalho. É perceptível que não existam tantas literaturas e artigos que vislumbram o ser trans no processo de escolarização na Educação Física e sua conduta de segurança frente aos desdobramentos ocasionais no percurso acadêmico.

Portanto, este trabalho segue numa base teórico-metodológica da história/oral biográfica, transcende os limites e/ou padrões para anunciar o processo histórico de transformação na vida acadêmico-social-política de uma mulher trans com contribuições para a formação docente na área da Educação Física.

5. ACHADOS E CONCLUSÕES

Importante e bastante relevante que reconheça o quão importante intencionar soluções e discussões que destoam do que é defendido pela cisgeneridade. No entanto, a diversidade do mundo faz-me refletir e reconhecer a importância e propor debates e diálogos enquanto práticas educacionais com maior inclusão e aperfeiçoamento do corpo trans.

É fato que a educação desempenha um papel importante e desenvolvedor da sociedade, admitindo um papel igualitário, crucial, de respeito e inclusivo respeitando e acolhendo todas as identidades de gênero. Uma boa solução para o incentivo às práticas educacionais é concretizar políticas e novas formas de conhecimento enquanto a temática gênero. Isso desvela um compromisso em educar não só uma pequena fração, mas sim a grande parcela (estudantes, professores, funcionários) e toda a comunidade de forma geral, esclarecendo sobre as diferentes identidades de gênero, suas necessidades e enfrentamentos. Assim podendo ressignificar e/ou criar ambientes respeitosos e acolhedores. Um eixo importante também para essa discussão e de muita relevância para esse estudo é o desenvolvimento de princípios antidiscriminatórios ligados a gênero dentro das escolas e universidades. Implementando políticas como o nome social, uso dos espaços bem como, áreas de convivência, quadras e não menos importante o uso dos banheiros enquanto ao gênero atribuído. Viabilizando um espaço educacional empático e de entendimento de todos, validando acima de tudo aqueles que não se encaixam ou identificam como a cisgeneridade.

E nesse processo de desenvolvimento dessas tomadas de ideias e contextualização do ser trans ouvir, dialogar e emancipar o processo de criação de ideologias educacionais. Validando capacidades e compreendendo as várias expectativas e experiências a fim de garantir adequação das entidades de ensino às necessidades de grupo minoritário. Trazer esse diálogo enquanto inclusão das corporeidades que se destoam da cisgeneronormatividade é sobretudo, uma incumbência necessária para composição de uma sociedade mais íntegra e equitativa.

Espero sistematizar princípios e pressupostos os quais configuram uma proposta acadêmica com possibilidades de elementos teórico-práticas de empoderar e acrescentar maiores valores na carreira social-acadêmico-política de uma formanda e profissional transgênero em educação física rumo ao mercado de trabalho, e promover assim, a partir dessa história autobiográfica o esbravejo e vontade de fidelizar o posicionamento e inclusão de profissionais e estudantes trans dentro dos âmbitos aos quais ainda são muito extintas ou minoritários.

Segundo Adriana Sales (2010) em depoimento:

> Nessa discussão, elas são as últimas a serem inseridas, as últimas a serem pautadas, as últimas a serem pensadas como elemento de uma escola, porque nós não temos um número significativo de meninas no contexto escolar. [...] Para essas meninas com a letrinha "t", travesti e transexuais, só resta a prostituição, o mundo da marginalidade. Porque se não está na escola, acaba sobrando a rua para ela, porque a família expulsa de casa, ela não tem mercado de trabalho propício. Indo para a rua ela esquece, ignora realmente a existência da escola. (ADRIANA SALES apud. FRANCO, 2015, p. 332).

O enfoque é delinear o perfil trans encontrado no campo acadêmico e o que esse corpo sofreu com um processo de escolarização bem conturbado. Claro, que com competência e discernimento no tocante a proposta de que um ser trans cause diferenciação no meio dos ditamos seres humanos tradicionais. Contar a história de resistência e luta diária durante o período acadêmico e as perspectivas, que o encorajaram a estímulo ao curso superior, delineou processos e acarinhou conquistas para a formação social-acadêmica-política. Encorajando a autora a alçar voos ainda mais altos e poder participar de programas acadêmicos desenvolvidos na instituição.

É fato que esses processos dissociativos são encontrados no universo acadêmico e se torna possível detectar ilusões de políticas, de respeito, de

“máscaras”, que tendem a cair, mas sempre numa situação velada. Esse trabalho tem sobretudo um ato de persistência e resistência, um grito de empoderamento. A fim de, encorajar, motivar, possibilitar e promover um ambiente acadêmico sem discriminações, favorável e inclusivo a todos os públicos. Onde a universidade é um lugar de corpos escolarizados.

5.1 - NARRATIVA BIOGRÁFICA:

5.1.1 - A boca esbraveja aquilo que dentro do coração está cheio: um recorte narrativo, dos saberes que consolidam a vivência de um corpo trans escolarizado, resistente e resiliente.

Na agitada e diversificada cidade de Recife-PE, uma história de superação, perseverança e busca por reconhecimento é escrita por mim, Thabata Alves. Mulher trans apaixonada pela Educação Física, sobretudo a Dança, que a jornada se configura em inspiração para todas as pessoas que buscam transformar desafios em oportunidades e conquistar o espaço com determinação.

Filha de uma mãe nordestina, professora, pedagoga e pós graduada em Gestão da Educação, trago aqui meu maior exemplo de mulher, minha mãe. A dor que a via sentir por não me aceitar, ser revigorada em lágrimas de felicidades após cada conquista que trazia em meu caminho. Com seus conselhos enredados de amor, a alegria que me fazia sentir, criar e recriar a mulher trans forte e resiliente que sou atualmente. Fazer que aquelas velhas mágoas se tornem temporãs e o belo e novo amanhã possa juntar e fazer novos recortes de tantas histórias que passei e quantas vezes voltei ao meu curso e revi meu percurso para dar início ao desconhecido, plantando flores, outrora colhendo espinhos.

O trabalho sempre árduo e cansativo, por vezes prazeroso, que ao longo do processo de vida começa a render frutos e assim consegui meu destaque pela dedicação, saberes, conhecimentos, compromisso em criar ambientes inclusivos nas aulas de Educação Física, muito contribuiu para ser uma referência para outras estudantes trans, inspirando-as a tornar concreta sua formação acadêmica.

> [...] Educação Física ainda não consolidou seus estudos dentro das temáticas de gênero, apesar da sua necessidade de dialogar com todos os segmentos sociais e da importância que esses estudos vêm assumindo no meio acadêmico (SERRANO, DE OLIVEIRA CAMINHA e GOMES, 2017, p. 1121 apud NUNES e SARAIVA, 2010).

Os autores acima citados escrevem que:

> [...] Devido à escassez de publicações nacionais sobre o tema, este estudo busca colaborar com as discussões sobre transexualidade e sua relação com a Educação Física, identificando e analisando artigos acadêmicos – à luz de autores como Berenice Bento, Michel Foucault e Márcia Arán – publicados nos últimos dez anos em periódicos das Ciências da Saúde, especificamente disponíveis na BVS, e que envolvam o universo transexual. A opção pelo recorte se deu devido ao período conter a maior parte das publicações indexada sobre o assunto (SERRANO, DE OLIVEIRA CAMINHA e GOMES, 2017, p. 1121).

Serrano et.al (2017, p. 1121 apud Lionço, 2009), ressaltam: “Isso se dá porque ambos se identificam como sujeitos pertencentes a um gênero que não corresponde com o sexo do nascimento; a diferença é que as pessoas travestis apresentam uma ambiguidade sexual na afirmação da sua identidade”.

Não me contrariei ao oportuno, foram as oportunidades e o “ser fazedor” que me propuseram a assumir meu espaço e brigar por ele. Nunca tomei como conselho coisas e falas vãs e sempre o malvado quando me oferecia um prato frio, torná-lo-ia quente só por fazer do opressor o bebedor do seu próprio veneno discriminativo. Perdi as contas de quantas vezes regressei em não assumir meu lugar, não criar possibilidades para que meu corpo pesasse dentro do âmbito escolar/acadêmico. Popularmente chamada de monstrinho, anomalia, “quer ser mulher apulso”, tratada no masculino, perseverei e mesmo diante de tudo e tanto, concluí um árduo caminho para a formação.

Me tornei voz ativa na luta pela aceitação e igualdade dentro do campo da Educação Física, participando de debates, palestras, oficinas, roda de diálogos e workshops, compartilhando e bebendo das infinitas fontes do saber. Tiro como exemplo minha querida e inestimável Professora Tereza França, que me orientou e juntou-se nessa luta pela minha formação, compartilhando suas experiências enquanto mulher negra, mãe e ialorixá. Juntas podemos criar soluções pertinentes e a construção do diálogo sobre a importância da inclusão do ser trans, mas sobretudo, seu respeito e reconhecimento.

Estudei em colégios privados, com uso das políticas de bolsas, saúde e educação sempre foram princípios fundamentais da minha família. Mesmo sendo “um aluno” (na época) travesso, tinha notas e perfil de bom aluno, concluir o ensino médio em tempo normal com 17 anos e assim conseguir ingressar em uma

instituição superior privada no curso de bacharel em administração de empresas (ainda assumindo uma figura masculinizada) acabei por trancar o curso já 90% concluído por conta de atos que feriam minha dignidade e momentos de assédios morais em relação a minha orientação, gênero e posição financeira social. Esse seria um primeiro embate dentro de uma instituição de ensino privada.

Prestei vestibular para o curso em Educação Física e fui aprovada inicialmente no CAV/UFPE, porém em meados de 2014, ingressei no curso de licenciatura no campus Recife/UFPE, em paralelo já prestava serviços ligados à dança em escolas, igrejas, espaços comunitários e grupos culturais.

Trabalhava de carteira assinada em uma renomada escola católica privada do Recife, o Colégio Vera Cruz. Lá fiz amigos e tracei meu caminho ainda como "professor" assumir o papel de dirigir e coreografar as festividades e projetos da escola, dando sempre meu toque pedagógico, lúdico e criativo. No ano de 2019 por uma situação velada e após a gestão escolar tomar conhecimento das minhas redes sociais femininas e a busca pela mudança do nome civil, fui desligada do quadro de funcionários, enfim, desempregada! Iniciava uma luta maior pela sobrevivência.

Com a demissão, peguei minhas contas e delineei novos projetos, construí meu salão de beleza e passei a trabalhar como autônoma, mas desenvolvendo atividades escolares. Foi aí que neste mesmo ano (2019), fui convidada por uma mãe de aluno da escola que trabalhava, para coreografar a escola ao qual ela é coordenadora pedagógica, seu nome é Creuza, mulher doce e comprometida com o trabalho. Abre-se as portas de entrada para Thabata nas instituições de ensino, desenvolvendo trabalhos e eventos de forma feminina e tratada pelo nome ao qual queria. Que vitória!

No período pandêmico, onde todos os processos eram online, ingressei no Programa de Residência Pedagógica, promovido como extensão do conhecimento pela UFPE sobre tutoria de Profa. Dra. Tereza França. No programa aprendi e passei a conhecer um lado desconhecido das aulas online e contato maior com a tecnologia, não só esses fatores, mas também o novo modo de fazer a Educação Física, construir formas diversificadas de aula, ressignificar conteúdos, delinear possibilidades para uma nova estrutura educacional. Nesse momento quero agradecer também às Professoras Maria Aída Alves e Paula Brasil, que foram seres muito importantes para minha formação e conhecimento diante do processo.

Ah, a dança! Não poderia jamais deixar de internalizá-la na minha vida. Sim,

trabalho e amo a dança, possuindo formação e conhecimento no clássico, contemporâneo, popular, moderno, afro, religioso e marcial. A partir desse universo, conseguir maior espaço e conhecimento, sendo referência nas áreas e passando a gerar ganhos e experiência curricular.

Ter desistido da minha primeira formação foi o primeiro exemplo de desmotivação e descrédito ao meu potencial. É nesse viés que trago a questão da evasão escolar trans, quando se há um índice absurdo de abandono principalmente quando trato dos atos de preconceito e perseguição. No caso das pessoas trans, o fracasso escolar geralmente não é resultado da falta de estudo ou deficiência, mas da incapacidade de permanecer na escola e mais do que de prestar atenção nas aulas e nos conteúdos ensinados. A própria forma de tratamento dispensado às pessoas trans pelo corpo docente muitas vezes faz com que elas desejem não estar naquele lugar. Começam assim a ter dificuldades de aprendizagem por falta de motivação, o que se soma à rara frequência, levando à repetência e, em muitos casos, à evasão escolar/acadêmica ou ao abandono precoce.

Esse padrão de abandono e irregularidade mencionado pode ser respaldado pelos estudos prévios de Junqueira (2009). Essas pesquisas apontam que o abandono escolar resulta, em parte, da abordagem negligente da escola em relação às temáticas de gênero e orientação sexual. Além disso, a presença arraigada da heteronormatividade no ambiente escolar contribui para esse cenário de abandono, tendo sido identificada como um fator significativo. Diante de teorias, trazidas por diversos autores, nos permite refletir e compreender que a escola constrói, elabora uma normalização dos indivíduos, e que busca nesses corpos disciplinados e organizados em suas manifestações e práticas discursivas. Ou seja, delineia comportamentos de menina e menino, a partir de cores, vestimentas, sanitários, diferenciação anatômica, etc.

Pensem, se há uma forma de tratamento condicionado a meninos e meninas pela escola e estes são condicionados à comportamentos diferenciados de acordo com gênero e diferenciação anatômica, como seria o tratamento com alunos trans? Neil Franco (2019), em seu título sobre fracasso, evasão e abandono escolar, fala de pessoas trans e sua ocupação no espaço escolar: “transgredem, desobedecem, afrontam os princípios social e culturalmente construídos, princípios que buscam

impor como normais e aceitáveis apenas aquelas pessoas que se encaixam no binário homem/mulher, devendo, ainda, serem heterossexuais".

Se torna imprescindível dizer que dessa forma, os corpos trans são aqueles que se encontram no universo escolar, porém, são corpos subjugados, velados, invisíveis obrigados a ocuparem tais espaços de forma condicionada. Por isso que falo e trago como fragmento vital que "este estudo é e sempre será um grito de empoderamento, liberdade e vitória". É pôr no "que fazer", um projeto de grandes conquistas e no "ser fazedor" a possibilidade de novos olhares para minha classe.

O enfático momento de trazer esses fatores que me encorajam e fortalecem meu ser: minha mãe, meu conhecimento, a dança, minha vida religiosa. São esses que me fazem está disposta a correr atrás e quebrar paradigmas trazidos desde a época da colonização. Trazer fatos e vivências é atrelar a busca desde muito tempo pelo espaço de corpos trans na sociedade. Um grito de silêncio desde os tempos passados!

Um resgate histórico do nosso período colonial a então (des)conhecida Xica Monicongo, intitulada a primeira travesti brasileira:

> Trazida em meados de 1591 como sujeito escravizado para o território que hoje conhecemos como Salvador, a angolana que, até onde se sabe, foi a primeira travesti do Brasil, teve seu nome apagado e sua vida vendida. Seu nome social foi pensado e reconhecido apenas no século 21, através de Marjorie Marchi, militante travesti negra que foi presidente da Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro (ASTRA) até sua morte. Seu sobrenome era originalmente um título para governantes do reino do Congo (Mwene Kongo). Dessa forma, pode-se traduzir como "realeza do congo. (AYO, 2022, apud QUIMBANDA DUDU, 2005, p. 27).

A "realeza do congo" como era chamada, desde sua estadia na terra, Xica lutava pelos direitos sociais, desafiava as condições de gênero impostas, a desumanização. Ela é exemplo de ousadia e resistência, sofreu com a transfobia, a violência gratuita e barata só pelo fato de querer deixar externalizada sua condição sexual. É indispensável falar sobre Xica quando se trata da primeira mulher trans e pioneira nesse processo de aceitação difícil e doloroso que passamos até os dias atuais.Samantha Cabral, ressalta:

> Não são as travestis e pessoas trans que expulsam filhas e filhos do seio familiar, que negam a identidade de gênero/vivência das pessoas trans nas escolas, que as expulsam dessa esfera essencial para alcançar qualificação e empregabilidade. Do mesmo modo que, não parte de nossa população a exclusão de toda e qualquer interação da vida social, dos banheiros, dos

> shoppings, dos parques, dos eventos, das farmácias, padarias, lojas, bancos, etc. (Souza, 2023. p. 23).

De acordo com o Blog Redetrans Brasil, o nosso país é o que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, em seus recortes relata sobre as violências e assassinatos por 14 anos consecutivos, deixando o nosso país em níveis altíssimos de extermínio da minha classe.

O que esses dados históricos preocupam é exatamente fazer pensar no processo de exclusão, violência e morte. É preciso morrer, exterminar para os números virarem preocupação? Qual é a relação entre esse sistema de exclusão, violência, falta de espaços e voz? E o sistema qual participação tem nesse processo? O que esse estudo quer fomentar é a consequência das lutas resilientes no campo acadêmico, social e político de um ser trans para obtenção do título, reconhecimento profissional e servir como um guia para compreender e analisar as diferentes formas de alcançar diferentes resultados na vida desta população.

Corroborando em fatores essenciais para a consolidação e permanência desse grupo nos meios formais de ensino e profissional é preciso trazer os corpos trans para o chão da escola e universalizá-los como seres igualitários, capazes de fazerem parte na participação, tomada de decisões, espaço de fala, delineamentos pedagógicos. Será assumindo espaços, sobretudo, educacionais que a classe trans emergirá e passará a ter um delineamento de respeito e valorização do ser.

5.1.2 - Memórias, enfrentamentos e conflitos: Etapas de uma mulher trans e seu percurso no campo acadêmico e profissional.

A busca pela formação acadêmica em Educação Física foi marcada por memórias entrelaçadas a enfrentamentos e conflitos, porém, teve um caráter determinativo e de muita resiliência. Essas memórias me fizeram envolver numa jornada de autoconhecimento, aceitação e transição. Recordar momentos introspectivos, de questionamentos enquanto identidade de gênero e o processo em assumir como mulher trans, norteiam essas memórias repleta de desafios e emoções, mas também de muita descoberta e autenticidade. Foi um caminho árduo e doloroso até a formação. Nesse momento me deparei com preconceitos e

discriminação por parte de colegas de sala, professores e até mesmo a negligência da coordenação e a própria instituição acadêmica. No ambiente esportivo ainda mais limitado, quando se há as “normas” de gênero e a barreiras para a participação efetiva, esse preconceito foi mais defrontado por mim.

Além disso, é imprescindível ressaltar as dificuldades enfrentadas nas áreas financeira, social e emocional que influem demais nas demandas e sobrevivência acadêmica. Isso se deve também à falta de políticas de inclusão, de representatividade e respeito ao corpo trans. Permitindo que o sentimento de isolamento e invisibilidade sejam relacionados ao campo da saúde mental, devido à pressão e os possíveis conflitos com a comunidade acadêmica. O sonho da formação acadêmica pode e deve existir obstáculos, mesmo esses sendo maiores, entretanto, eu como ser fazedor de opiniões e formalizada na motivação em encontrar caminhos e possibilidades que promovam a inclusão, a diversidade e aproveitamento do conhecimento. Bem como desejar ambientes mais acolhedores e igualitários, quebrando paradigmas e estereótipos, deixando um caminho aberto para novas profissionais trans.

Aqui, diante da construção do conhecimento e dialogicidade desta pesquisa biográfica, delineie algumas etapas que corroboraram para a elucidação e formalização desse título: Admissão e início do curso: desafios burocráticos, preconceitos, entraves em relação à nome social e gênero; Confronto do preconceito: afetação do campo social e psicológico por parte dos colegas, professores, funcionários e da própria gestão da instituição; Emancipação e compreensão: tornar defensora da própria causa, conscientizando e educando em relação à orientação sexual, identidade de gênero, diversidade e inclusão; Busca por colegas, professores parceiros a causa: posicionamento antidiscriminatório, busca de políticas de inclusão; Sonho à formação: criar metas e objetivos a serem alcançados; Ativismos e participação em políticas: busca pela segurança, aconselhamento e participação nos contextos relacionados a LGBTfobias acadêmicas; Rede de relacionamentos: destacar na área, criando novas formas e posicionamentos profissionais e inclusivos; Transformação social: encorajar, entender e lutar para tornar espaços para uma transformação social gradual, a fim de diminuir o preconceito e a opressão a partir da educação e sensibilidade com os termos e condições; Formação de uma identidade política: defender não só a classe, mas conceber e lutar pelas demais classes marginalizadas dentro da instituição e

celebrar, conquistar, formar: a conquista significativa. A formação acadêmica-social-política, tornando um espaço de resiliência e superação.

A formação em si, é um passo importantíssimo na minha vida acadêmica, pois além de capacitar e me realizar profissionalmente é também um ato de combate à discriminação e preconceito. A fim de promover mudanças na sociedade e através do meu aprendizado adquirir novos horizontes e enfrentar desafios desconhecidos procurando ser exemplo de contribuição para a construção de um mundo social e acadêmico reflexivo e de autonomia e participação efetiva de profissionais trans.

Em suma, a jornada acadêmica ao qual enfrentei, foi muito importante e complexa, porém, me fez refletir sobre tudo que enfrentei, enfrento e enfrentarei. Expresso desta forma não por perder a fé na capacidade de transformação do ser humano. No entanto, os sonhos, a inspiração, o sentimento de realização, traz a esperança de mudanças positivas na sociedade e nos campos acadêmico, social e político, alicerçando uma inclusão e valorização ao profissional Trans e suas competências adquiridas durante sua vida social e acadêmica.

Este diálogo acadêmico esmiúça a pertinência da presença e apoio da minha mãe, amigos e professora/orientadora para a conclusão do meu curso acadêmico. A transição para a academia foi uma fase crucial na minha vida social, principalmente quando se fala de um corpo trans estigmatizado pela sociedade e pela subestimada entrada numa universidade. Importante como mãe, amigos e profissionais podem oferecer apoio emocional, financeiro e prático influenciando positivamente a minha capacidade de enfrentar os desafios do ensino superior e, finalmente, concluir meu curso com êxito.

A transição para a vida universitária foi uma fase emocionante e desafiadora para mim. Enquanto estudante acadêmica enfrentei novas responsabilidades e pressões vindas por parte de universo/núcleo acadêmico ao qual fazia parte, o apoio maternal e de amigos desempenhou um papel crucial em meu sucesso, no tocante a motivação em buscar meu espaço como qualquer outra pessoa. Todos esses membros fizeram parte do estímulo ao estudo, destaco que todos esses têm um impacto particularmente significativo na minha vida durante esse período.

Trazer o enfoque participativo para a grande realização deste trabalho, a Professora Doutora Tereza Luiza de França, com seu jeito inspirador desempenhou seu papel de orientadora e grande motivadora para a temática do meu estudo. Sua influência vai além do chão universitário, das salas de aula. Com suas propostas,

diante das esferas do estudo, promoveu a mim momentos de extremo aprendizado e escolarização fazendo-me convites para apresentar palestras, rodas de diálogos, o processo do programa da residência pedagógica, oficinas, práticas lúdicas, momentos de reflexão e resistência. Seu trabalho educativo, incansável e resiliente, fez-me assegurar e criar um ambiente escolar/acadêmico mais seguro, inclusivo e acolhedor, principalmente no tocante a minha busca de espaços, combatendo o preconceito, a discriminação e a notável falta de conhecimento enquanto a identidade de gênero.

Minha dedicação atenta a todos aqueles que passaram de uma forma positiva em minha vida acadêmica, ajudando-me nos projetos e no apoio motivacional e psicológico, destaco, Leonardo Soares homem gay e estudante de Educação Física, Ana Paula Bueno mulher lésbica e assessora de eventos e demandas culturais, Geovana Borges mulher trans, funcionária pública federal e ex gestora do Núcleo LGBTQIAPN+ da UFPE e Samantha Valentine mulher trans, formada em Ciências Sociais pela UFPE. O incentivo, a autonomia, a pesquisa independente e a criatividade foram contextos atrelados a toda construção desse processo. E o compromisso e preocupação de tratar um tema tão delicado e muitas vezes mascarado.

No campo cultural pude promover e liderar vários espaços, sendo eles em grupos de danças carnavalescas, juninas, religiosas, marciais. Como uma profissional multifacetada, diante de toda minha jornada procurei espaços que eu pudesse explorar e obter experiências que contribuíram para meu crescimento profissional e cultural, enriquecendo e afirmando minha identidade e uma visão mais ampla do mundo. Nesses movimentos culturais que encontrei morada e estímulos, mesmo diante de todos os processos dolorosos, me tornei exemplo notável na participação desses movimentos.

É na dança e na expressão artística que moldei minha vida, desenvolvendo habilidades, movimentações, coordenações de movimentos, expressão corporal. Não só estes fatores, mas também o desenvolvimento da liderança, autoconfiança, resistência e prazer em realizar tamanhas atividades.

Nas danças carnavalescas e afros proporcionou minha compreensão profunda das raízes afro-brasileiras e a diversidade multicultural, alicerçando a defesa da liberdade, igualdade e ativismo. No campo das quadrilhas juninas, assumir papéis de liderança e destaque no enfoque ao conhecimento das tradições

regionais do Brasil e uma apreciação pela riqueza da cultura, sobretudo nordestina, incentivando-me a criar projetos e coreografias que transpassaram as barreiras regionais, desenvolvendo trabalhos em outros estados.

A arte educação, consolidou meu desejo de trabalho e preocupação com a arte e suas diversas manifestações, assumindo um espaço dentro das instituições de ensino estaduais e municipais desenvolvendo atividades pedagógicas, lúdicas, artísticas e de lazer, compartilhando todo aprendizado com crianças e jovens de comunidades carentes da região metropolitana do Recife.

As bandas marciais fizeram de mim um ser comprometido com o desenvolvimento da arte e valorização do estudante no campo marcial/militar, espaço este onde enfrentei muito com o militarismo e machismo diante dos participantes dessa esfera. Hoje tenho notoriedade e respeito, como coreógrafa ativa, trazendo vários títulos municipais, estaduais e interestaduais e também desenvolvendo palestras e workshops.

Minha preocupação não é tão só com um corpo trans e seu processo de escolarização, mas sim atentar para esse corpo assumir espaços, incluir saberes, posicionar ideias, confrontar críticas, está inserido nos variados blocos da sociedade e alicerçar motivação para que outras trans promovam seus conhecimentos e aceitação na vida acadêmica e pós acadêmica. Sabe-se que é um processo ainda cansativo e sem muitas forças políticas, mas minha jornada serve como experiência moldada da resistência, resiliência, identidade e uma visão de mundo diversificadamente respeitada e igualitária. Essa inspiração que trago como forma de força e empoderamento para que não só eu, mas diversas trans possam reafirmar seu desejo a vida acadêmica-política-social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar no curso de Educação Física na UFPE, o primeiro embate no processo de formação do meu eu (trans), foram as relações com docentes preconceituosos(as) e/ou transfóbicos(as) que se dirigiam com linguagens pejorativas, cenas de insultos e risadas, comentários sobre o uso dos banheiros, a universidade não possuía políticas direcionadas ao alunado LGBTQIA, muito desconforto e falta de respeito. Sofria todos os dias, todos os dias! Até trancar o curso, e não ter capacidade psicológica para voltar. Precisava trabalhar, viver e comer. A universidade virou um pesadelo. Os estudos no campo trans, tem tomado cada vez maiores proporções e obtido repercussões nos últimos anos. O interesse pela temática tem verificado a grande lacuna em abordar assuntos tão delicados como o levantado neste estudo biográfico. Ressaltou também a relevância da inclusão, legitimidade, igualdade e autonomia, como proposta de estudo e constatar o recente crescimento nas produções acadêmicas que analisam a temática de forma abrangente.

Analisando a transexualidade de forma holística e reflexiva, com foco na vida social-acadêmica-política e os processos estigmáticos sofridos durante todo o período. Compreendendo a importância das discussões, sugerindo, referenciando pesquisas futuras e criando uma interface nova e direta no universo social, e no campo da Educação Física. Concluo, portanto, a grande relevância e conhecimento deste estudo, a fim de analisar biograficamente um corpo trans estigmatizado, seu processo de escolarização e realização profissional.

REFERÊNCIAS

AYO. Xica Manicongo: **a primeira travesti do Brasil foi negra**. Disponível em: https://averdade.org.br/2022/01/xica-manicongo-a-primeira-travesti-do-brasil-foi - negra/. Acessado em 05/06/2023.

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**.** Sociologias, p. 240-265, 2001.

CAMILLOTO, Ludmilla Santos de Barros. **Transgeneridade e direito de ser** : relação entre o reconhecimento de si e o reconhecimento jurídico de novos sujeitos de direitos. 2019. 263 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019.

CARVALHO, Maria Eulina P.; ANDRADE, Fernando Cézar B.; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual:** um glossário. João Pessoa: Ed. universitária, UFPB, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **"Um nome próprio:** transexuais e travestis nas escolas brasileiras**"**. In: XAVIER FILHA, Constantina. (Org.). Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

FRANÇA, Tereza Luiza de. Lazer – Corporeidade – **Educação:** o saber da experiência cultural em prelúdio. Natal-RN. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. **Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização.** Revista Estudos Feministas, v. 23, p. 325-346, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança** 30ª Edição. Rio Janeiro Ed. Paz e Terra. 2007.

GAMSON, Joshua. **"As sexualidades, a teoria queer e pesquisa qualitativa"**. In:

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 345-362.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**; um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis, R J: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOHN, Maria da Glória Gohn. **"Paulo Freire e a formação de sujeitos sociopolíticos"**. Anais do IV Fórum Paulo Freire. Porto: Universidade do Porto; Instituto Paulo Freire, 2004.

_____. **“Movimentos sociais na contemporaneidade”**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 16, n°47, 2011, pp.333-361.
LELIS, A. G. S., HOGEMANN, E. R., & SOUZA, D. A. (2019). **Travestifobia:** a intolerância e a violação dos Direitos Humanos das pessoas travestis. In: Vieira, T. R. (org). Transgêneros. (p. 145-161). Brasília, DF: Zakarewics.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós- estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Kamyla Aparecida Gomes et al. **Inclusão e universidade**: uma análise a partir da perspectiva de discentes travestis e transexuais da Universidade Federal de Goiás. 2021 [manuscrito] / Kamyla Aparecida Gomes Machado. - 2021 XV 139TR f.
.
PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das travestilidades** / Maria Clara Araújo dos Passos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PERES, William. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 235-264.

SOUZA, Samantha Vallentine Cabral. **Transnarrativas sobre a relação das travestis e pessoas trans e a empregabilidade**. 48:il., tab., 2023.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade / Viviane Vergueiro. - 2016. 244 f.: il.

ANEXOS

CERTIFICADO

Certificamos que **THABATA ALVES**, participou na qualidade de **OUVINTE**, da palestra: **A EDUCAÇÃO FÍSICA E O CURRÍCULO ESCOLAR,** no Ciclo de Palestras da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, contabilizando carga horária total de 2 horas.

Recife, 20 de outubro de 2020

[redacted]
Coordenadora de Formação para o Trabalho
DGA/PROACAD/UFPE

CERTIFICADO

Certificamos que **THABATA ALVES**, participou na qualidade de **OUVINTE**, da palestra: **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR** no Ciclo de Palestras da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, contabilizando carga horária total de 2 horas.

Recife, 27 de outubro de 2020

[redacted]
Coordenadora de Formação para o Trabalho
DGA/PROACAD/UFPE

CERTIFICADO

Certificamos que **THABATA ALVES**, participou na qualidade de **OUVINTE**, da palestra: **O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE PERNAMBUCO** no Ciclo de Palestras da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, contabilizando carga horária total de 2 horas.

Recife, 10 de novembro de 2020

[redacted]
Coordenadora de Formação para o Trabalho
DGA/PROACAD/UFPE

CERTIFICADO

Certificamos que **THABATA ALVES,** participou na qualidade de **OUVINTE**, da palestra: **O CORPO NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A ESTÉTICA CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA** no Ciclo de Palestras da Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, contabilizando carga horária total de 2 horas.

Recife, 24 de novembro de 2020

[redacted]

[redacted]
REBECA SERAFIM DE FARIAS
Coordenadora de Formação para o Trabalho
DGA/PROACAD/UFPE

Verifique o código de autenticidade 3950358.308616.987049.6.029627697818073858 8 em https://www.even3.com.br/documentos

I Congresso Online Multidisciplinar em Educação e Saúde: Caminhos e Possibilidades frente o Covid-19

Certificamos que **Thabata Alves Luiz**, participou com êxito da atividade História da educação física e suas novas configurações durante/ pós COVID-19, realizada no I CONGRESSO ON LINE MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO E SAÚDE: Caminhos e possibilidades frente o COVID-19. em 18/02/2021 a 20/02/2021, contabilizando carga horária total de 1 hora.

20 de fevereiro de 2021.

[redacted]

Organização:

Instituto Flora Una

Verifique o código de autenticidade 3950358.308616.987045.6.029627697818073852 8 em https://www.even3.com.br/documentos

I Congresso Online Multidisciplinar em Educação e Saúde: Caminhos e Possibilidades frente o Covid-19

Certificamos que **Thabata Alves Luiz**, participou com êxito da atividade Importância da Educação Física para a educação em saúde em momento de isolamento social: limites e possibilidades realizada no I CONGRESSO ON LINE MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO E SAÚDE: Caminhos e possibilidades frente o COVID-19, em 18/02/2021 a 20/02/2021, contabilizando carga horária total de 1 hora.

20 de fevereiro de 2021.

[redacted]

Organização:

Instituto Flora Una

Verifique o código de autenticidade 3950358.308616.987627.6.029627697818071843 8 em https://www.even3.com.br/documentos

I Congresso Online Multidisciplinar em Educação e Saúde: Caminhos e Possibilidades frente o Covid-19

Certificamos que **Thabata Alves Luiz**, participou com êxito da atividade Educação para a Saúde com ênfase em promoção da saúde em programas comunitários de atividade física em tempos de isolamento social. realizada no I CONGRESSO ON LINE MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO E SAÚDE: Caminhos e possibilidades frente o COVID-19. em 18/02/2021 a 20/02/2021, contabilizando carga horária total de 1 hora.

20 de fevereiro de 2021.

[redacted]

Organização:

Instituto Flora Una

Verifique o código de autenticidade 3950355.308616.4.6.025622263781658 em https://www.even3.com.br/documentos

I Congresso Online Multidisciplinar em Educação e Saúde: Caminhos e Possibilidades frente o Covid-19

Certificamos que **Thabata Alves Luiz**, participou com êxito do evento I CONGRESSO ON LINE MULTIDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO E SAÚDE: Caminhos e possibilidades frente o COVID-19, realizado em 18/02/2021 a 20/02/2021, contabilizando carga horária total de 24 horas.

20 de fevereiro de 2021.

[redacted]

Organização:

Instituto Flora Una

Certificado de Organização

Ciclo de Debates

Thabata Alves Luiz

participou da Organização do Ciclo de Debates, realizado no período de 06 a 27 de março de 2021, com carga horária de 20 horas.

[redacted]

GABRYELLA NASCIMENTO

GESTORA

UFPE

CERTIFICADO

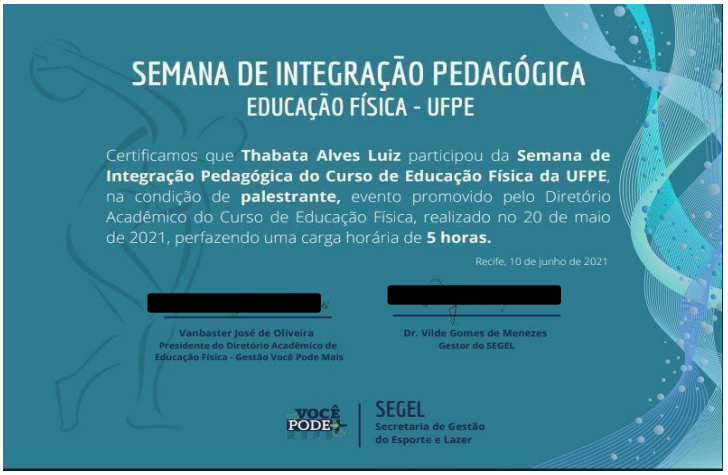
Certificamos que **Thabata Alves Luiz** participou da Roda de diálogos com a temática central: Unidade Ensino-Pesquisa-Extensão – diálogos interdisciplinares, e sub-tema: **Cultura Pernambucana: Mestre Grimário e a Manifestação Popular do Cavalo Marinho**, no Ciclo de Palestras na Disciplina de Metodologia do Ensino de Práticas Lúdicas, do Curso de Bacharelado em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, contabilizando carga horária total de 20 horas.

Recife, 15 de Abril de 2021

[redacted]

Prof. Dr. Henrique Gerson Kofil
Vice-Chefe do Departamento de Educação Física da UFPE

[redacted]



SEMANA DE INTEGRAÇÃO PEDAGÓGICA
EDUCAÇÃO FÍSICA - UFPE

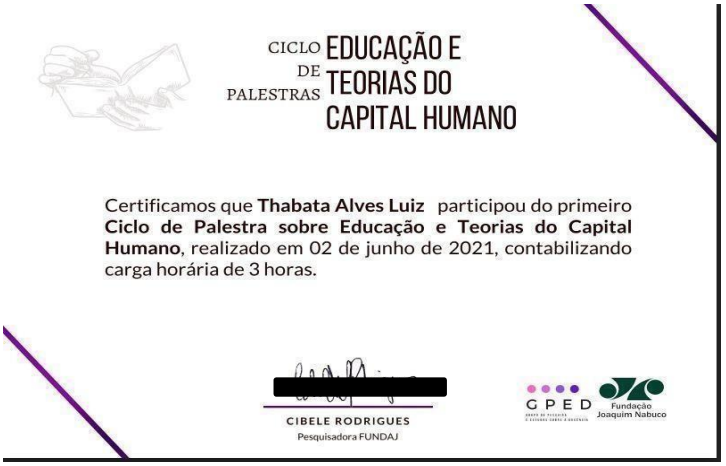
Certificamos que **Thabata Alves Luiz** participou da **Semana de Integração Pedagógica do Curso de Educação Física da UFPE**, na condição de **palestrante,** evento promovido pelo Diretório Acadêmico do Curso de Educação Física, realizado no 20 de maio de 2021, perfazendo uma carga horária de **5 horas.**

Recife, 10 de junho de 2021

[redacted]
Vanbaster José de Oliveira
Presidente do Diretório Acadêmico de Educação Física - Gestão Você Pode Mais

[redacted]
Dr. Vilde Gomes de Menezes
Gestor do SEGEL

VOCÊ PODE | SEGEL
Secretaria de Gestão do Esporte e Lazer



CICLO DE PALESTRAS EDUCAÇÃO E TEORIAS DO CAPITAL HUMANO

Certificamos que **Thabata Alves Luiz** participou do primeiro **Ciclo de Palestra sobre Educação e Teorias do Capital Humano**, realizado em 02 de junho de 2021, contabilizando carga horária de 3 horas.

[redacted]
CIBELE RODRIGUES
Pesquisadora FUNDAJ

GPED Fundação Joaquim Nabuco

VII Congresso Internacional Sesc de Arte/Educação

CERTIFICADO | CURSO

Certificamos que *Thabata Alves Luiz* participou como aluno(a) do curso "Dança, Corpo e Epistemologias Afro Referenciadas: em busca de abordagens plurais", ministrado por Ivana Motta, no VII Congresso Internacional SESC de Arte/Educação, realizado pelo Sistema Fecomércio, Sesc, Senac Pernambuco e correalizado pela Universidade Federal de Pernambuco e Sebrae, no período de 03 a 15 de novembro de 2021, com carga-horária de 20h.

Recife, 28 de outubro de 2021

[redacted]
Rudimar Constâncio
Gestor do VII Congresso Internacional Sesc de Arte/Educação | SESC-PE

[redacted]
Everson Melquiades Araújo Silva
Gestor do VII Congresso Internacional Sesc de Arte/Educação | UFPE

Siga-nos! sescpe.org.br

Apoio: Cepe Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco

Realização: SEBRAE UFPE Sesc Fecomércio Senac

UFPE

CERTIFICADO

Certificamos que a Acad. **THÁBATA LUIZ,** participou na qualidade de **PALESTRANTE** com a temática: **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO - O *QUEFAZER* COM FOCO NAS PRÁTICAS LÚDICAS NO UNIVERSO ESCOLAR**, na Disciplina Metodologia do Ensino das Práticas Lúdicas do Curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife, contabilizando carga horária total de 20 horas.

[redacted]

Recife, 31 de março de 2022

Certificado

Certificamos que o pôster 'Possibilidades e estratégias no ensino remoto da educação física escolar no GTT Lazer: Inovações Pedagógicas', de autoria de **Leonardo Soares da Silva** e **Thabata Alves Luiz**, foi apresentado durante o evento "**I FÓRUM INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS NO UNIVERSO DO LAZER I FIEL**", promovido pelo Departamento de Educação Física do(a) Centro de Ciências da Saúde, no período de 11 a 13 de novembro de 2021, com carga horária total de 10 (dez) horas, registrado no SIGPROJ - Sistema de Informação e Gestão de Projetos sob o nº 369897.2040.115526.21062021.

Recife, 24 de fevereiro de 2022.

[redacted]

PROEXC

Certificado

Certificamos que **Thábata Alves Luiz** participou na qualidade de membro do comitê cultural do evento "**I FÓRUM INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS NO UNIVERSO DO LAZER I FIEL**", promovido pelo Departamento de Educação Física do(a) Centro de Ciências da Saúde, no período de 11 a 13 de novembro de 2021, com carga horária total de 20 (vinte) horas, registrado no SIGPROJ - Sistema de Informação e Gestão de Projetos sob o nº 369897.2040.115526.21062021.

Recife, 24 de fevereiro de 2022.

[redacted]

PROEXC

Certificado

Certificamos que **Thabata Alves Luiz** participou na qualidade de Membro da Comissão Organizadora do evento **"EVENTO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PRECONCEITO MOTOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA"**, promovido pelo Educação Física do(a) Centro de Ciências da Saúde no dia 28 de julho de 2021, com carga horária total de 15 (quinze) horas, registrado no SIGPROJ - Sistema de Informação e Gestão de Projetos sob o nº 368380.2040.45197.26042021.

Recife, 29 de setembro de 2022.

[redacted]

Oussama Haouar
Pró-Reitor de Extensão e Cultura

PROExC
Pró-Reitoria
de Extensão e Cultura

Universidade
Federal
de Pernambuco